



CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NA ATIVIDADE DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA: REFLETINDO O PARADIGMA DO MACHISMO

Renato Santos Cavalcante
UEMG, Unidade Ituiutaba
rsc_net@hotmail.com

Waldo Franco Ferreira
UEMG, Unidade Ituiutaba
waldofferreira@yahoo.com.br

Eixo VIII-Direito e Identidade

A prostituição é a entrega sexual a estranhos ou conhecidos com o pagamento de tal ação (ROBERTS, 1996). Esse conceito de prostituição não especifica o gênero dos indivíduos que se prostituem, na medida em que supõe que esses indivíduos sejam necessariamente mulheres. Porém, atualmente, o conteúdo desse conceito alargou-se incluindo a prostituição masculina, onde tivemos como figura mais emblemática, dentro de nossa cultura ocidental, Timarcos, que era um estadista Ateniense durante o século IV A.C. e foi severamente criticado por negociar os seus sentimentos de um modo infame, à maneira de um vil prostituto (DOVER, 1978; MAZEL, 1984). Isto nos mostra que já existia prostituição masculina na Grécia Antiga (BUFFIÈRE, 1957; FLACELIÈRE, 1971).

Os antigos gregos não concebiam a ideia de orientação sexual como um identificador social, ou como uma essência do indivíduo da maneira que as sociedades ocidentais vêm fazendo ao longo do último século. A sociedade grega não distinguia entre desejo e comportamento sexual com base no gênero de seus participantes, mas sim pela extensão com que tais desejos ou comportamentos se conformavam às normas sociais, que eram baseadas por sua vez no gênero, idade e status social. Existem dois principais pontos de vista a respeito da atividade sexual masculina na sociedade grega antiga, alguns acadêmicos, como Kenneth Dover e David Halperin, alegam que esta sociedade era altamente polarizada em parceiros "ativos" e "passivos", o "penetrador" e o "penetrado", polarização esta, que era associada com os papéis sociais dominante e submisso; o papel ativo (penetrante) estava associado com a masculinidade, status social mais elevado e a idade adulta, enquanto o papel passivo era associado com a feminilidade, status social mais baixo e a juventude.

Com essa contextualização, podemos notar que, o conceito de prostituição diferencia-se em si mesmo, onde não podemos falar de prostituição no singular, mas devemos falar de



prostituições no plural. Com essa ampliação do conceito da prostituição na atualidade, o fenômeno da prostituição não se mostra como uma classe homogênea de comportamentos, orientações sexuais ou identidade de gênero, como se compreendia até então.

A partir desses apontamentos, surgiu o interesse em conhecer, analisar e compreender as concepções sobre a prostituição, do ponto de vista de quem realiza os programas e, mais especificamente, aproximar e conhecer a visão de um garoto de programa, a respeito da prostituição.

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Ituiutaba-MG, com um garoto de programa, configurando-se em um estudo de caso (GIL, 1994), já que visa proporcionar certa vivência da realidade, tendo por base a discussão, a análise e a busca de solução de um determinado problema extraído da vida real.

A coleta de dados, frente a esse garoto de programa, foi obtida por meio de aplicação de entrevista, com posterior análise, o que possibilitou conhecer a realidade de vida de um garoto de programa que atua na cidade de Ituiutaba, como sujeito de sua própria história, que atribui significado à sua vida e cria cotidianamente formas de sobrevivência num cenário marcado por preconceito, discriminação, opressão, exploração e violência.

Antes de analisarmos os dados coletados, é necessário apresentar o sujeito entrevistado detalhando perfil, particularidade da profissão e sua percepção, acerca dos estereótipos e pressupostos que permeiam a prostituição enquanto prática profissional. Em linhas gerais, o entrevistado é um rapaz de 23 anos de idade, aqui denominado de LEDS, possui o ensino médio completo, se denomina como um garoto de programa e se prostitui a cinco anos. O contado inicial com LEDS ocorreu por telefone, onde lhe foi esclarecido os objetivos da pesquisa, após o aceite, nos encontramos e realizamos a entrevista, que toda transcrita, para a posterior análise.

A análise dos dados coletados na entrevista nos possibilitou evidenciar alguns fatores diferenciais da prostituição masculina que são evidenciados pela expressão da masculinidade e o pensamento machista ainda predominante, isso é notado pela forma como o entrevistado vive o enfrentamento quanto ao preconceito e a discriminação, já que, ao ser perguntado sobre qual visão às pessoas possuem dele, LEDS diz que "... a única coisa que eles pensam é que sou gay, porque eles dizem que quem come dá, mas não sou assim, pois sou ativo e já aviso isso, para meus clientes, assim que eles entram em contado...", nessa fala do LEADS e apoiados em (DELEUZE, 2000), torna-se nítida a relação conflituosa e ambivalente entre machismo, homofobia e construção da masculinidade na atividade da prostituição masculina, fazendo com que ele busque uma constante reafirmação de sua masculinidade, reforçando o pensamento machista e buscando um afastamento de qualquer relação com a homossexualidade.

Ao ser perguntado sobre qual é sua orientação sexual e qual clientela atende, LEADS diz que "... sou heterossexual e meus atendimentos são na maioria para mulheres e casais, mas as vezes atendo homem também, mas eu sempre sou o ativo com eles...", essa fala mais uma vez, reforça a necessidade de afastamento da homossexualidade, assim, pautados em (PERLONGHER, 1987), notamos que, mesmo na prostituição masculina, a qual se trata de uma



relação comercial, portanto, intermediada pelo dinheiro e, por isso, supostamente “livre” de posicionamentos ideológicos, preconceitos sociais, emoções e afetos amorosos, ainda assim, parece ser regida pelas exigências machistas, que criam um manto protetor contra os sentimentos e sensações prazerosas advindas de uma relação homoerótica.

O estudo apresentado limita-se à narrativa de um único participante, o que em geral restringe nossas possibilidades de generalizações, porém a partir do posicionamento teórico adotado, é possível compreender que a fala de nosso participante corrobora outros estudos já realizados com profissionais do sexo masculino, no que diz respeito à construção da masculinidade bem como a representação sobre a prostituição.

Sendo assim, fica claro que, na sociedade machista em que vivemos, a qual se alimenta da objetificação do feminino, das normativas patriarcais religiosas, para fins de dominação masculina e submissão do feminino, a prostituição masculina ainda é um território recoberto pela vergonha, preconceito e homofobia, já que um homem que se prostitui, simbolicamente, se iguala a objetificação da mulher.

Além disso, essa minoria de oportunidade aqui estudada, também nos possibilita a reflexão sobre a dicotomia entre o oprimido e o opressor e como esses papéis podem ser exercidos por um mesmo indivíduo em cenários e momentos diferente, necessitando sempre evidenciar e ressaltar qual a posição e o posicionamento que o mesmo ocupa diante do contexto apresentado.

Referências

- ROBERTS, N. **A prostituição através dos tempos na sociedade ocidental**. Editorial Presença, 1996.
- PERLONGHER, N. **O negócio do michê: A prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed.- São Paulo: Atlas, 1994.
- DELEUZE, G., & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SEVERINO, F. E. S. **Memória da Morte, memória da exclusão-prostituição inclusão marginal e cidadania**. São Paulo: Ed. Universitária Leopoldianum, 2004.
- CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.



Ituiutaba – MG, de 7 a 12 de novembro de 2016.